

## LUGARES INCERTOS (fragmento)

*Por Cristhiano Aguiar*

(...)

Décadas depois do seu aprisionamento e meses antes da entrevista, o artista dividiu uma mesa de debates com uma socióloga, que contou ao público do auditório uma história. Ela fazia uma pesquisa de doutoramento, na época em que tudo aconteceu, sobre as condições de escravidão no sertão nordestino. Junto com um bolsista da graduação, percorria cidades sertanejas em busca de documentos.

“Ao nos aproximarmos da cidade, víamos as faixas e os outdoors do governo federal, com palavras como “em obras”, “progresso”, “desenvolvimento” e “povo”. Cruzamos com carros da polícia, com um trator e um caminhão carregado de terra. Chegamos ao cartório da cidade” – as mãos da socióloga tremiam, volume baixo no microfone e óculos fundo de garrafa –, “e era evidente a embriaguez do funcionário, um homem de meia idade, barbudo, peito cabeludo. Garrafa de cachaça em cima do balcão. Eu e meu aluno nos olhamos: não ia ser fácil conseguir algo com ele! Demos boa tarde. O servidor balançou a cabeça e aumentou o volume do rádio que escutava. Quando eu ia falar algo, ouvi uma voz adolescente gritando PAINHO! PAINHO! atrás de mim; nos viramos na direção da rua; uma adolescente, barra da saia suja de terra, camisa salpicada de sangue, entrou no cartório chorando; Painho, ela falou, estão levando vovô embora, o governo está levando vovô; o pai dela, o nosso funcionário embriagado, pegou algo embaixo do balcão, uma arma de fogo!, e deu um salto; imaginem, aquela pessoa que para mim era a face da apatia e da imobilidade saltou o balcão e passou por nós correndo. Fomos atrás dele e chegamos até o cemitério da cidade; havia um monte de pessoas, polícia, uma gritaria, dois homens caídos. Tratores cavavam o chão do cemitério, arrebentavam as lápides e jogavam os destroços em caminhões; terra, pedra e madeira misturada a ossos... Sim, ossos; patas de metal, imensas, e rangidos dos motores. A terra escura e os nomes das pessoas. O funcionário do cartório chegou atirando para cima e gritando Larguem meu pai filhos da puta!; a polícia apontou as armas em nossa direção. Meus pés equilibrados em um fio transparente, o abismo lá embaixo. Mas não houve derramamento de sangue. Os dois homens caídos no chão não estavam mortos, apenas feridos, eram primos do funcionário do cartório. Diante das fardas, diante das armas apontadas, aquele homem abaixou o rosto, largou a arma e desabou; sobre o seu rosto uma sombra, como a dos enforcados.”

Após contar a história, silêncio no auditório. Ao longe, ouviu-se uma gargalhada – vidro e estilhaços.

---

Cristhiano Aguiar (São Paulo/Paraíba) - Escritor, Editor e Crítico Literário. Mestre em Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Autor dos livros: *Ao Lado do Muro* (Contos, 2006) e organizador dos livros: *Tempo Bom* (2010, juntamente com Sidney Rocha), entre outros. Blog: <http://notape.com.br/cristhianoaguiar/> o texto acima é um trecho do romance inédito *Lugares incertos*.